

Ruth
Guimarães

CONTOS
ÍNDIOS



COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2020

COPYRIGHT © HERDEIROS DE RUTH GUIMARÃES, 2020.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Edição **JOAQUIM MARIA BOTELHO**

Revisão **BÁRBARA PARENTE**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa **FG TRADE | ISTOCK**

Imagens internas **JUMPINGSACK E MEOW_MEOW | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Guimarães, Ruth, 19xx

Contos índios / Ruth Guimarães. — São Paulo :
Faro Editorial, 2020.
176 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-86041-38-5

1. Contos brasileiros 2. Índios – Contos 3. Folclore
I. Título

20-3186

CDD B869.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos brasileiros B869.8



1ª edição brasileira: 2020

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

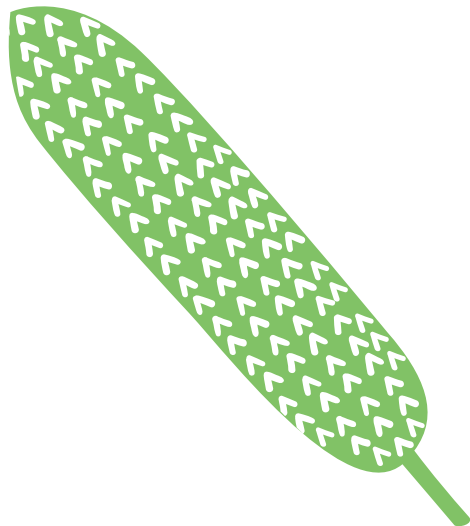
Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

www.faroeditorial.com.br

Prefácio



Daniel Munduruku

O mundo todo nasceu de diferentes versões de histórias contadas em noites ancestrais. Cada povo vai teimando em construir sua narrativa a fim de poder justificar seu modo de compreender o mundo. As histórias narradas nascem de histórias vividas ou inventadas. Com o passar do tempo já não se sabe se foram inventadas porque vividas ou se foram vividas porque inventadas. Não faz diferença. As histórias são vozes ressonantes que ecoam a partir do desejo de confessar mistérios; mistérios nascem do medo, da incompreensão dos fenômenos, da necessidade de justificar a existência.

Cada povo constrói sua versão da existência. Daí são tantas as narrativas de origem; tantas histórias de encontros e desencontros; tantas tragédias narradas; tantos mistérios nelas envoltos e tanta ciência também.

A vida não é simples. As histórias servem para torná-la mais leve, mais doce, mais fácil. Servem para nos lembrar quem somos, de onde viemos e como deve ser nosso proceder no mundo. Elas dão base para nosso estar no mundo e tirar o máximo proveito da experiência de estar vivos. Sem histórias a vida fica rude, dura, difícil, cruel. Elas trazem à tona o simbólico e humano que há em cada pessoa.

Este importante livro da saudosa Ruth Guimarães é um documento essencial para não esquecermos nossas próprias origens ancestrais. Creio, aliás, que este é um dos principais motivos pelo qual se escrevem livros: para não nos permitirmos esquecer o passado e, conseqüentemente, nosso pertencimento a um mundo em transformação.

As histórias indígenas devem ser lidas com o coração. A cabeça não consegue chegar onde os sentimentos chegam. A cabeça costuma fazer juízos de valor; o coração apenas sente porque se abre ao mistério de existir.

Explicação (talvez) desnecessária



Nenhuma história de fonte ameríndia, ou contaminada de elementos ameríndios, desta coletânea, foi tirada de livro. Os contos resultaram exclusivamente de pesquisa de campo, no Médio Vale do Paraíba do Sul, estado de São Paulo, tendo como centro e pião a cidade de Cachoeira Paulista. Foram feitas coletas nas cidades vizinhas, também, e é evidente que apareceram informantes de outros estados, com predominância de mineiros, donos de parte do Vale.

Aproveitou-se cada raconto apresentado com duas ou mais variantes, pois que isso confirma a sua aceitação efetiva na área. Escolheu-se a variante mais elaborada e com mais pormenores. Nada foi acrescentado, nada foi tirado, dos motivos básicos, da sequência, da filosofia. Moralizante continuou moralizante, todas as histórias permaneceram completamente isso mesmo que está aí.

Quanto à linguagem, claro, recontei à minha moda. Sou portador. Sou caipira. Tenho direito. Está (a linguagem) numa estrutura mais atual, de fácil compreensão. Foram conservadas algumas formas pitorescas, algumas caminhando já para o neologismo, e muitas formas arcaicas ainda vivas no Fundão, como é chamado o extremo paulista do Vale. Assim: perguntar por perguntar, e outras.

A bibliografia usada o foi no intuito de cotejar alguns textos, buscar confirmação da possível origem indígena, e de achegas para língua e costumes.

A forma história, com h, foi uniformizada para qualquer espécie de raconto, eis que não se trata de livro especializado, mas pura e simplesmente de contos ameríndios, aos quais se pretendeu juntar meia dúzia de nótulas informativas.

Suponhamos um subtítulo: Folclore ameríndio, ao alcance dos jovens, muito jovens.

E como atingi-la, a essa esplêndida, mágica, fugidia, encantada juventude, a não ser com os relatos? (Como se fez em todos os tempos. Como fizeram Buda e Jesus. E como procedem os que ainda agora rasgam caminhos, renovando mitos.)

Eis que o homem, de qualquer idade, só entende a lição das acontecências, quando as transforma em histórias.



Antigos habitantes indígenas do médio Vale do Paraíba

Ali permaneciam os índios puris, desaparecendo por poucos meses, em suas andanças periódicas. Consta que vinham de Mato Grosso pelo leste do Rio de Janeiro. Habitualmente, paravam entre a serra da Mantiqueira e a Capitania de São Paulo.

Não se sabe com exatidão da sua procedência. Construía cabanas, mas não usavam vestuário. Falavam um dialeto diferente da língua geral. Não se lhes conhece nenhum culto. Pareciam acreditar numa região de delícias, no alto. Colocavam nos sepulcros uma escada (para subir ao céu?). Eram muito arredios e não comerciavam com ninguém que não fosse da sua cor e não combinasse com seus costumes.

A etimologia do nome puri, conforme lição de Teodoro Sampaio, é mais ou menos a sua descrição física. Puri quer

dizer miúdo, indivíduo de baixa estatura. Dizem outros que a significação era: gente mansa ou tímida. Pequena. Efetivamente, apenas observavam estranhos por perto, saíam correndo. Não eram hostis.

Um grupo de puris habitualmente ficava na região, tendo saído de Taubaté, acossado pelos homens de Jacques Félix. Desceram pelo caminho do Rio Paraíba, tendo se espalhado em parte por Santo Antonio da Bocaina (atual Cachoeira Paulista) e pela região de Queluz.

Veja-se a história do Homem-Estrela, algumas páginas adiante, ainda hoje recontada por aí. Não faz muito, recolhida pelos irmãos Villas-Boas, na tribo. É a conhecida história europeia das duas irmãs, sem tirar nem pôr, mudando-se o que inevitavelmente tem que ser mudado, ou seja, as condições da sociedade nas quais o conto viceja. Trata-se de duas irmãs, uma bondosa e delicada, outra mesquinha, egoísta, desabrida. Lá estão as duas irmãs (tão diferentes!) tais como em Perrault, irmãos Grimm, Andersen; e tais como nas *Mil e Uma Noites* e sabe-se lá em quantas latitudes mais! Os outros elementos presentes são: os trabalhos ou obstáculos a serem superados, a luta para alcançar o inalcançável, a bondade premiada no final e a maldade castigada.

Mito cristão? Gente! Antes de Cristo já era assim mesmo. Não nos esqueçamos do mito belíssimo de Eros e Psiquê!

Seja como for, o fabulário indígena está integrado no pensamento universal. É razoável supor que o fenômeno

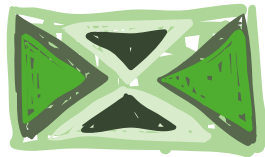
ocorreu depois do ano de 1500, por intermédio da influência europeia, imposta pelo colonizador, mais adiantado, mais organizado e mais forte.

Antes da colonização e das catequeses, nada se sabia do índio. E agora? Sabemos alguma coisa?

O marechal Rondon é índio puro. O cacique Juruna veio diretamente da tribo. Aldemir Martins, o pintor, se confessava, com a sua própria imagem — os olhos, os zigomas, a cor, o riso —, integralmente índio.

Nenhum deles selvagem. Nenhum vivendo a vida e a cultura dos nossos irmãos da floresta, a não ser como observador, protetor, tendo cada um à sua moda porfiado por eles. De fora, por assim dizer.

É. De fora.



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus HIV e de hepatite que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.
FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM SETEMBRO DE 2020